



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **MODOS DE VIDA E PERCEPÇÕES DE LGBTs NO CEARÁ: SOBRE A PESQUISA NAS PARADAS PELA DIVERSIDADE SEXUAL (2009-2010)**

Antonio Crístian Saraiva Paiva  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
Universidade Federal do Ceará  
[cristianspaiva@gmail.com](mailto:cristianspaiva@gmail.com)

### **CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA DE TRABALHO:**

A presente proposta de trabalho pretende apresentar os resultados da pesquisa realizada durante as Paradas pela Diversidade Sexual do Ceará (em 2009 e 2010), intitulada "Perfil, direitos e contextos de vulnerabilidade da população LGBT no Ceará". Na pesquisa, tomamos como objetivo central construir conhecimento sobre as populações LGBT no que tange a perfis sócio-políticos, padrões de experimentação das violências homofóbicas e comportamentos sexuais, através da aplicação, durante as paradas, de um survey com amostragem por conveniência. Em cada Parada, foram aplicados cerca de 500 questionários, mobilizando cerca de 50 jovens pesquisadores. Os dados foram submetidos a tratamento estatístico e discutidos conforme os interesses da pesquisa. Neste trabalho, discutiremos os aspectos metodológicos do dispositivo da pesquisa, assim como apresentaremos os principais dados obtidos, visando uma melhor compreensão sobre modos de vida, percepções e cidadania de LGBTs no Ceará.

### **AS PARADAS PELA DIVERSIDADE SEXUAL COMO CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO**

A generalização das Paradas pela Diversidade Sexual no Brasil e no mundo, a partir dos anos 1990<sup>1</sup>, evidencia que, por controversas que sejam, tais manifestações

---

<sup>1</sup> Costuma-se remontar a origem das paradas pela diversidade sexual – em vários momentos denominadas de “paradas do orgulho gay” – às pioneiras manifestações homossexuais de resistência em relação às diversas violências sofridas por essa população nos Estados Unidos, ocorridas em 1969, conhecidas como “levante de Stonewall”. É nos anos 1990 que essa modalidade de manifestação político-celebrativa afirma-se em diversas partes do mundo ocidental, incluindo-se aí o Brasil. Mesmo reconhecendo o valor



têm sido elemento extremamente importante para a produção de visibilidade das lutas ligadas às populações LGBT. As paradas também têm alimentado debates sobre novas formas de fazer política, trazendo à cena as confluências e (con)fusões entre expressão de sentimentos coletivos, carnavalização do cotidiano na estética da festa e militância política.

Nessa mistura de protesto e festa que são as paradas parece desenhar-se definitivamente um novo modo de fazer política. Ao denunciarem a homofobia e ao apresentarem reivindicações através do orgulho, da alegria e da dança, os sujeitos nela envolvidos parecem recusar-se a apenas assumir o papel de vítimas. Mobilizam assim a solidariedade social não somente através da exibição de suas "feridas", mas também (e talvez principalmente) através da exibição exuberante e sedutora de seu mundo (CARRARA, 2007, p. 72).

As (con)fusões entre essas dimensões estética e política, a nosso ver, conferem uma singularidade às paradas, e continuam a despertar controvérsias entre os que reivindicam uma linguagem militante mais organizada e os que pensam a parada como festa e às vezes como evento comercial, sem que se chegue a um denominador comum. Tratando-se de um campo empírico evanescente<sup>2</sup>, as paradas constituem um espaço-

---

de experimentação e de elaboração de uma nova imaginação política do nascente movimento de gays e lésbicas no país, nos anos 1980 (GREEN, 2000a; 2000b; MOTT, 1995 e TREVISAN, 2000), há um consenso entre a maioria dos ativistas e pesquisadores da trajetória do movimento LGBT brasileiro em assinalar o ano de 1995 como sendo um marco fundamental na formulação do desenho das paradas de orgulho identitário que se disseminaram no país. Green faz a crônica emocionada daquele momento histórico: "(...) em junho de 1995, mais de 300 delegados representando grupos homossexuais da Ásia, Europa, das Américas e do Caribe, encontraram-se no Rio de Janeiro para participar da 17ª Conferência Anual da International Lesbian and Gay Association (ILGA). Na cerimônia de abertura, a deputada federal Marta Suplicy (PT) lançou a campanha nacional pela parceria civil e por uma emenda constitucional proibindo a discriminação com base na orientação sexual. No fim da semana, os delegados, junto com milhares de participantes e simpatizantes, encerraram a convenção celebrando o 26º aniversário da revolta de Stonewall com uma caminhada pela Avenida Atlântica. Uma enorme faixa exigindo "Cidadania Plena para Gays, Lésbicas e Travestis" abriu a passeata. Um grupo de mulheres carregando uma faixa exigindo "Visibilidade Lésbica" se seguiu, arrancando aplausos dos observadores. Drag queens provocavam e paqueravam com a audiência, em cima de um ônibus escolar cor-de-rosa, *a la Priscilla* e dois caminhões emprestados pelos bancários. Muitos participantes vestiam máscaras e fantasias carnavalescas. Uma bandeira do arco-íris de 125 metros balançava ao vento. No final da passeata, participantes emocionaram-se ao cantar o hino nacional, e foram finalmente dispersados por uma chuva fina. O movimento chegou à maioria". (GREEN, 2000b, p. 276).

<sup>2</sup> É preciso destacar, porém, que ao caráter pontual e evanescente das paradas enquanto evento que possui duração de tempo limitada e especificada no calendário da cidade, estão associadas uma série de



tempo desafiador aos procedimentos metodológicos mais convencionais, exigindo variadas táticas de estabelecimento da relação entre entrevistadores e entrevistados, sobre as quais refletimos noutra lugar (PAIVA, 2011).

Além disso, as paradas mostram-se fecundas como contexto de investigação a partir do qual se pode produzir conhecimento sobre modos de vida e percepções de LGBTs (Idem, 2007).

Além de merecerem uma reflexão que as aborde enquanto fenômeno social e político, as paradas reúnem gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais que, de outro modo, dificilmente poderiam ser alcançados por uma investigação sociológica, oferecendo oportunidade ímpar para que sejam melhor conhecidos. Dadas, sobretudo, as segmentações geracionais, de classe e identitárias que marcam essa população, ela não poderia ser abordada em sua extrema diversidade em qualquer outro espaço social (seja de lazer, de trabalho ou mesmo de ativismo político). E se isso ocorre, talvez seja pelo fato de as paradas se organizarem justamente em torno de uma espécie de denominador comum que agrega todo esse universo: a luta contra a discriminação e o preconceito que atingem diferentes “minorias sexuais”. Apesar disso, sejam de cunho qualitativo ou quantitativo, as pesquisas sobre as paradas ou nas paradas são ainda em número extremamente reduzido no Brasil e nosso esforço tem sido no sentido de preencher esta lacuna (CARRARA, 2007, p. 14)

Cada Parada, sendo articulada em torno de um tema relevante para a agenda do movimento social, induz a uma socialização dos temas debatidos, emprestando aos sujeitos coletivos interpretações construídas, por exemplo, pela militância e pela academia, produzindo reflexividade sobre temáticas que relacionam-se às violações da cidadania LGBT e que interferem nos seus modos de vida. Assim, as Paradas servem como episódios críticos em que as práticas culturais da sociedade brasileira podem ser

---

atividades que conferem um caráter mais permanente à produção das paradas. No caso das Paradas pela Diversidade Sexual do Ceará, a realização da Parada é precedida por um conjunto de atividades, tais como Seminários, distribuição orientada de preservativos, oficinas, palestras e atividades culturais (apresentação de artistas locais, feira cultural e exposição GLTB, além de lançamento de livros e divulgação de pesquisas. Para uma visualização desse complexo de atividades, ver: [http://www.grab.org.br/index.php?option=com\\_content&view=category&id=39&Itemid=19](http://www.grab.org.br/index.php?option=com_content&view=category&id=39&Itemid=19).



vistas sob lente de aumento. A título de exemplo, elencamos os temas das paradas do Orgulho GLBT de São Paulo<sup>3</sup>:

“Somos muitos, estamos em todas as profissões”; “Os direitos de gays, lésbicas e travestis são direitos humanos”; “Orgulho Gay no Brasil, rumo ao ano 2000”; “Celebrando o orgulho de viver a diversidade”; “Abraçando a diversidade”; “Educando para a diversidade”; “Construindo políticas homossexuais”; “Temos família e orgulho”; “Parceria civil, já! Direitos iguais: nem mais, nem menos”; “Homofobia é crime! Direitos sexuais são direitos humanos”; “Por um mundo sem machismo, racismo e homofobia!”; “Homofobia mata! Por um Estado laico de fato!”; “Sem Homofobia, Mais Cidadania – Pela Isonomia dos Direitos!”; “Vote contra a homofobia: defenda a cidadania!”; “Amai-vos uns aos outros: basta de homofobia! – 10 anos da Lei 10.948/01, rumo ao PLC 122/06” (Fonte: APOGLBT/SP)

As paradas pela Diversidade Sexual do Ceará, nas suas doze edições, abordaram pautas bastante alinhadas às listadas acima. Vejamos<sup>4</sup>:

“Sem Diversidade Sexual não há Democracia”; “Saciando a Sede de Liberdade”; “Solidariedade, Paz e Amor de todas as Formas”; “Igual a você não existe ninguém – Diversidade é Cidadania”; “Direitos Iguais: nem mais, nem menos”; “Homofobia é crime: direitos sexuais são direitos humanos”; “Por um mundo sem machismo, racismo e homofobia”; “Homofobia Mata! Por um Estado Laico de Fato!”; “1969... 89... 99... 2009... A luta pelos direitos LGBTT continua!”; “Vote Contra a Homofobia, Defenda a Cidadania!”; “Unidos/as somos mais fortes! Pela aprovação do PCL 122/2006”. (Fonte: GRAB/CE)

Portanto, podemos entender as Paradas como sendo momentos de produção, reprodução e recepção coletiva de conhecimento sobre os modos de vida das populações

---

<sup>3</sup> As paradas cobrem o lapso de tempo entre 1997 a 2011, e os temas listados obedecem a essa seqüência temporal. Fonte: <http://www.paradasp.org.br/historico.php>.

<sup>4</sup> As paradas cobrem o lapso de tempo entre 1999 a 2011, e os temas listados obedecem a essa seqüência temporal. Fonte: [http://www.grab.org.br/index.php?option=com\\_content&view=category&id=39&Itemid=19](http://www.grab.org.br/index.php?option=com_content&view=category&id=39&Itemid=19).



LGBTs. Tomo de empréstimo a noção de Baccheta (2009) de “co-produção” para referir-me a esse trabalho coletivo de estabelecimento de significados culturais em disputa: as co-produções implicam “um relacionamento de efeitos múltiplos e multi-situados, ao invés de exclusivamente uma série de atuações feitas para um grupo, presumido passivo, de sujeitos colonizados por outro grupo, presumido ativo, de sujeitos colonizadores” (p. 57). Sigo com a autora: “Quando emprego o termo co-produções, desejo significar atuações indivisíveis de (*co-formado*) poder pelas dimensões materiais, discursivas, corporais, sociais, psíquicas e simbólicas que começam nas escalas mais micros, que congelam em vários tipos de largas escalas de relações de poder, sendo específicas a um tempo-espaço particular” (Idem, p. 58). Proponho, portanto, pensar as Paradas como referidas a esse trabalho de co-formação e de co-produção de percepções, identidades e modos de vida de LGBTs em suas múltiplas interfaces com as dinâmicas socioculturais de nosso País.

## O DISPOSITIVO DA PESQUISA

A pesquisa que realizamos durante as X e XI Paradas pela Diversidade Sexual do Ceará (que ocorreram nos anos de 2009 e 2010), intitulada *Perfil, direitos e contextos de vulnerabilidade da população LGBT no Ceará*, está inserida num conjunto de investigação mais amplo, que contou com financiamento a partir de edital publicado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Ceará. Reunindo diversos pesquisadores interessados na confluência das temáticas do conflito, da violência e dos movimentos sociais, foi elaborada a pesquisa *Novos Atores, novas demandas: avanços e recuos na segurança pública no Ceará*, cuja proposta consistia em analisar a dimensão relacional estabelecida entre um campo de experiências, sentimentos e conflitos sociais e ações implementadas na área de segurança pública, tendo como referência a prevenção da criminalidade e da violência, e valorização de ações inovadoras em torno dos seguintes sujeitos empíricos: jovens de periferias, policiais e populações LGBT.

Na nossa pesquisa específica, tomamos como objetivo central construir conhecimento sobre as populações LGBT no que tange a perfis sócio-políticos, padrões de experimentação das violências homofóbicas e comportamentos sexuais, através da



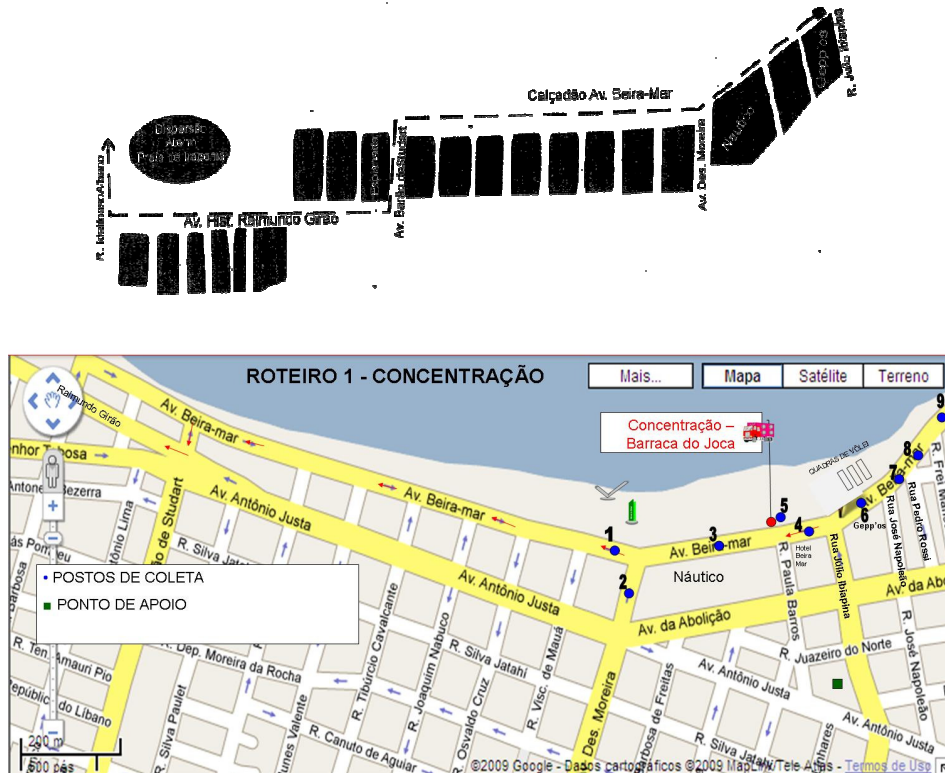
aplicação de um survey com amostragem por conveniência, durante as paradas, tendo em vista orientar a proposição de políticas de combate à homofobia e garantia de qualidade de vida e cidadania da população LGBT do Estado.

O instrumento que utilizamos segue de perto aquele utilizado por Carrara, Simões e Facchini (2006), mas também incorporando elementos dos questionários utilizados nas pesquisas das Paradas de Belém e Belo Horizonte. O questionário é composto por 45 questões, divididas em blocos que abordam os seguintes aspectos:

1. Perguntas preambulares;
2. Conjugalidade/Parentalidade;
3. Sexualidade/ Saúde;
4. Mobilização, Direitos e Violência;
5. Perfil sócio-econômico.

Em cada parada foram aplicados uma média de 500 questionários, mobilizando, em cada uma delas, em torno de 50 jovens pesquisadores, que se distribuíram em nove postos na Avenida Beira-Mar, na cidade de Fortaleza, no período de 15h a 19h, segundo o circuito abaixo:

### Roteiro da X Parada pela Diversidade Sexual do Ceará



Realizamos um conjunto de atividades anteriores e posteriores à aplicação dos questionários nas Paradas: seleção e treinamento dos pesquisadores; realização de grupos focais com os pesquisadores, em torno do exercício de uma etnografia coletiva; realização de grupos focais com participantes da parada e elaboração do relatório final da pesquisa.

As questões do questionário visavam atender, especificamente, aos seguintes objetivos:

- a. Conhecer o perfil sócio-político dos participantes das X e XI Parada pela Diversidade Sexual do Ceará;
- b. Revelar padrões de discriminação e outras violências decorrentes da intolerância às orientações/expressões sexuais, possibilitando a elucidação de níveis de incidência, modalidades, sujeitos, espaços e procedimentos pós-ocorrência;



c. complementar as pesquisas sobre assassinatos de LGBT no Estado do Ceará, evidenciando outras modalidades de manifestação da violência contra homossexuais;

d. Conhecer os modos de espacialização da população LGBT de Fortaleza através do mapeamento de circuitos de homosociabilidades;

e. Verificar conhecimento e percepção sobre direitos e leis específicas no âmbito federal, estadual e municipal;

f. Captar demandas, percepções e estratégias em relação à Segurança Pública;

g. Contribuir para o fomento da discussão em torno das sexualidades e políticas públicas de combate à homofobia, oferecendo um instrumento de subsídio às ações de advocacy das instâncias do movimento LGBT junto aos poderes legislativo, executivo e judiciário, tendo em vista a aprovação de leis e a proposição de políticas voltadas para a população LGBTT no Ceará;

g. Obter uma avaliação dos (as) participantes da X e XI Parada acerca da contribuição destes eventos à construção da cidadania LGBT no Estado.

## PERCEPÇÕES E MODOS DE VIDA

Do material da pesquisa, trazemos os seguintes dados para caracterizar o perfil dos participantes das Paradas e suas percepções sobre questões relativas á cidadania LGBT.

### 1. Idade: caracterizada por uma população bastante jovem

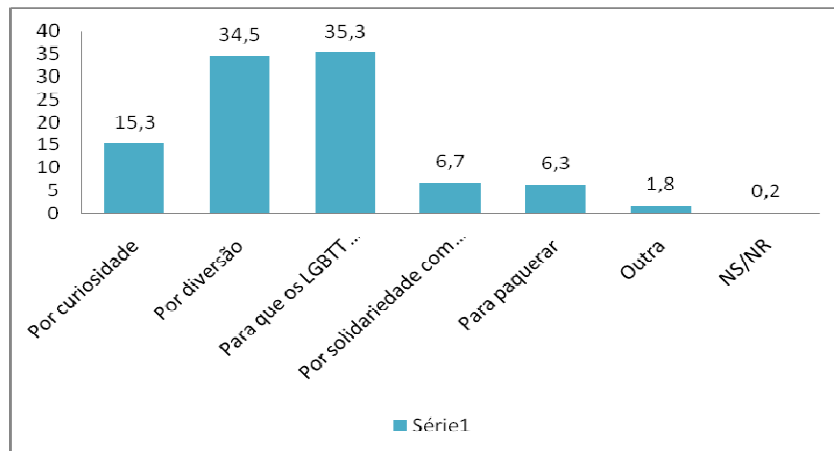
57,7% - 16 a 25 anos

29,2% - 26 a 39 anos

11% - 40 a 55 anos

1,5% - Mais de 55 anos

### 2. Motivo de comparecimento à Parada:



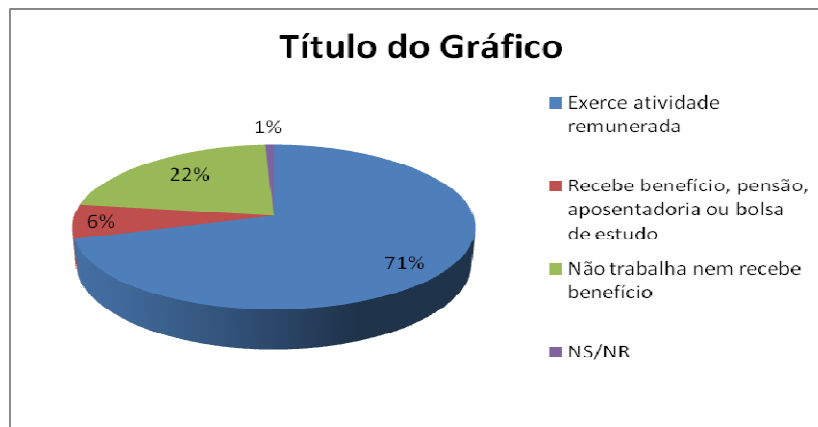
### 3. Trabalho e renda:

Renda bruta no último mês:

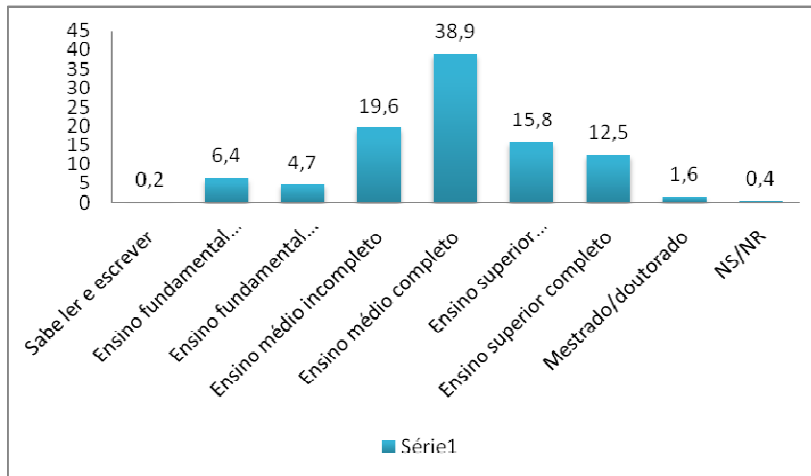
84,8% de 1 a 3 salários

8,3% 4 a 6 salários

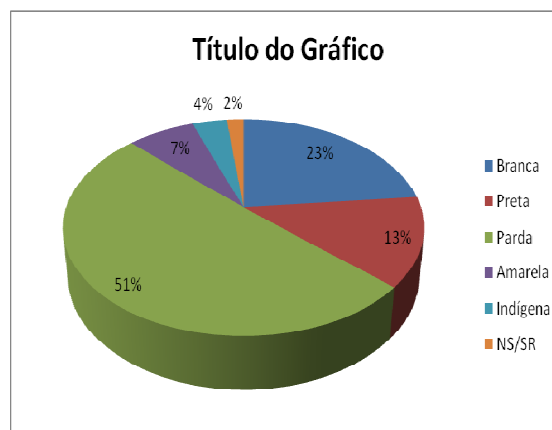
6,6% mais de 7 salários



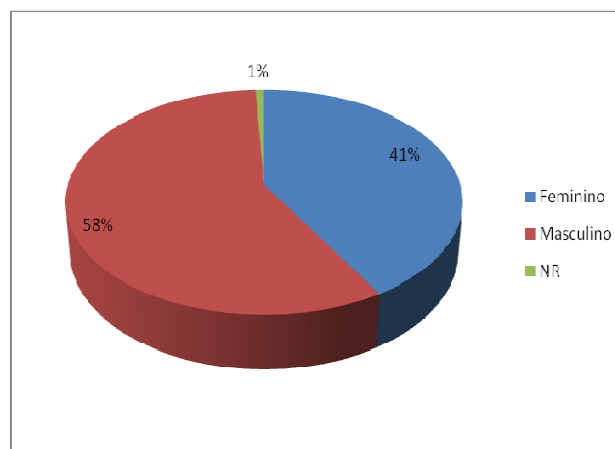
### 4. Grau de instrução:



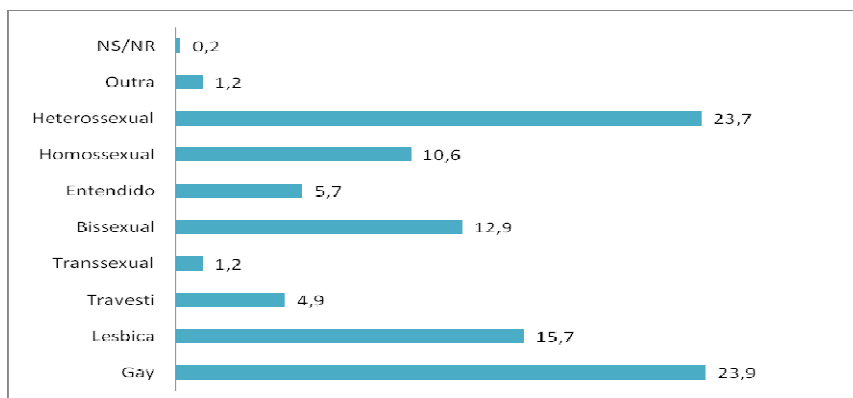
5. Cor/raça (segundo classificação do IBGE):



6. Sexo registrado ao nascer:



7. Identificação:

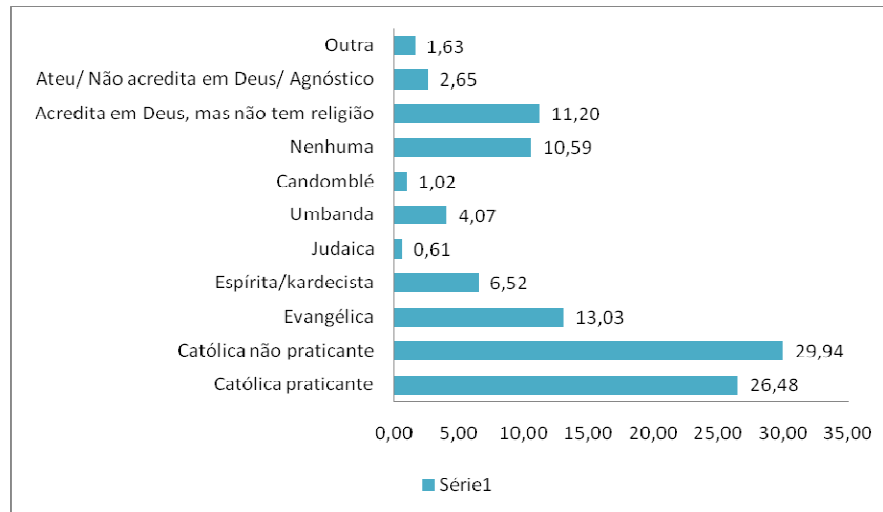


Na pesquisa de 2009, os números sugerem reflexão:

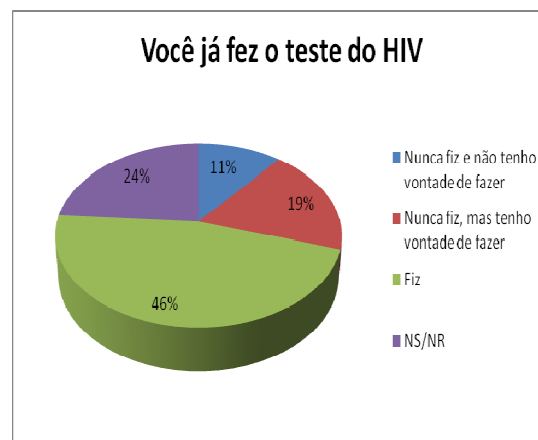
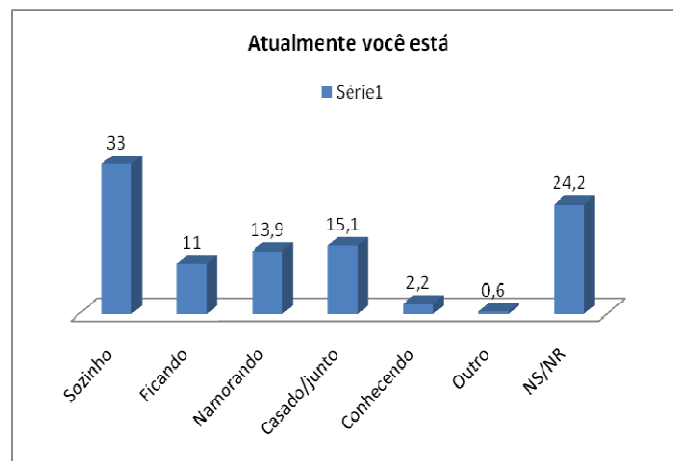
- 19,6% Gays
- 17,6% Lésbicas
- 10,6% Bissexuais
- 10,6% Heterossexuais
- 4,2% Travestis e Transexuais
- 30,5% Outro/ nenhum

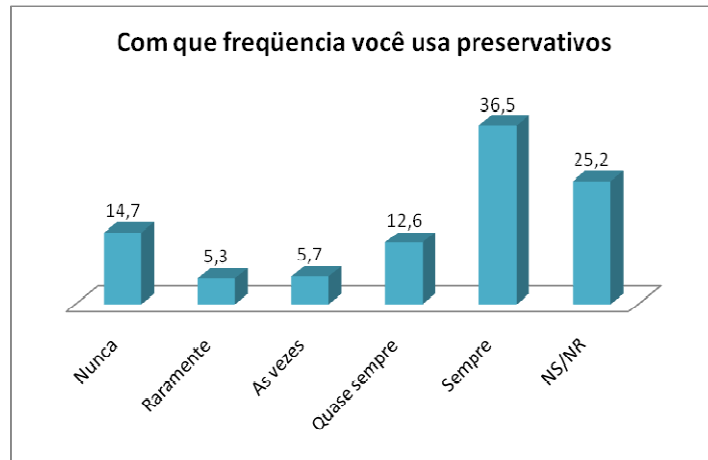
Os 30% da população auto-identificados como “outros/nenhum”, sugere um hiato entre a formulação de identidades políticas segmentares (as letrinhas da sopa LGBTT) e as formas “nativas” de classificação acionadas nos contextos culturais de interação.

8. Religião ou culto freqüentado:

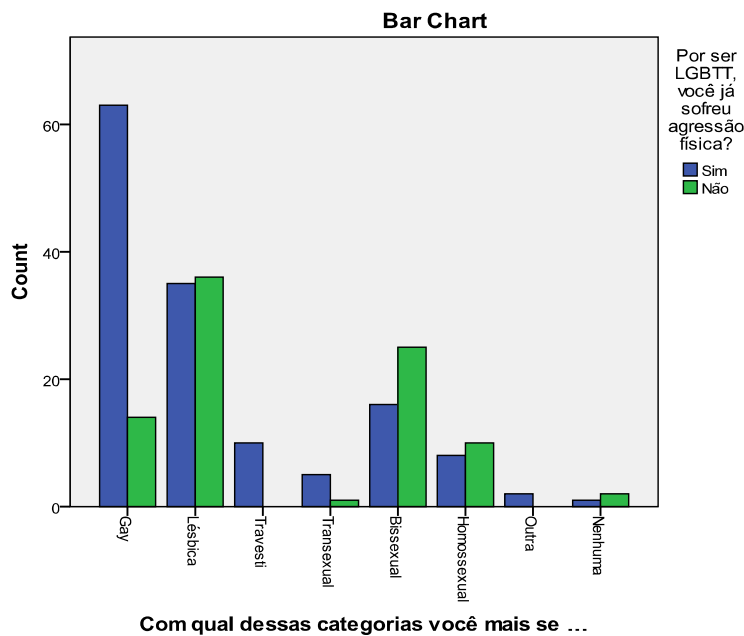


9. Conjugalidade/parentalidade e comportamento sexual:

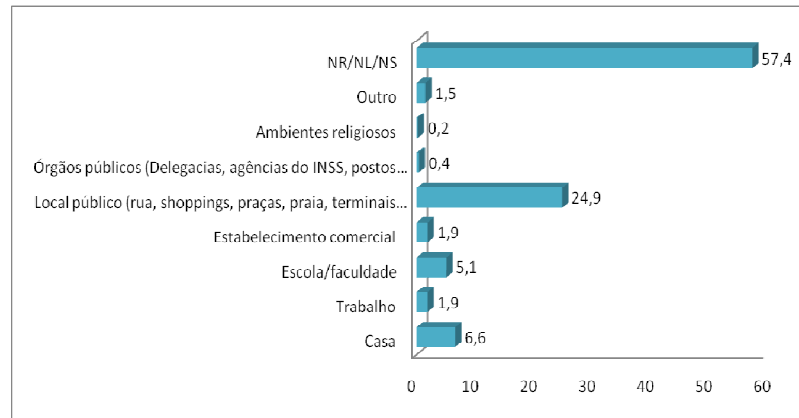




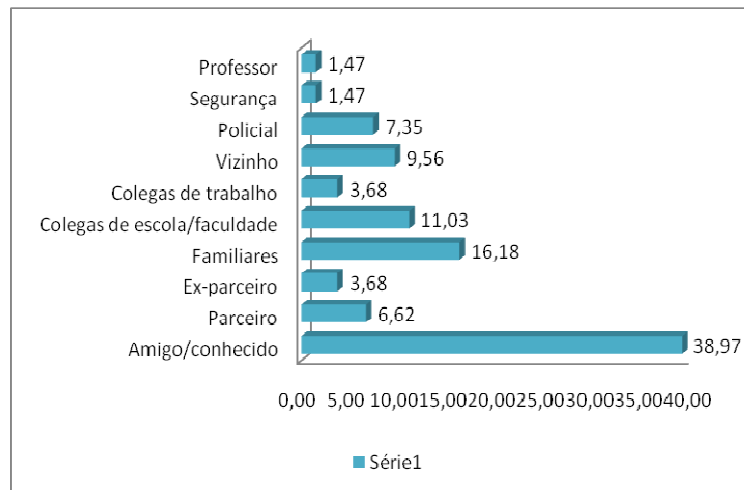
### 10. Experimentação de discriminações, preconceitos e violências



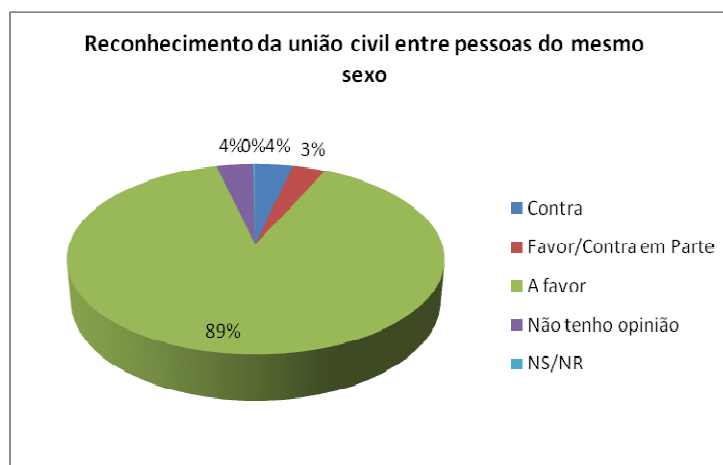
Local onde ocorreu a agressão:

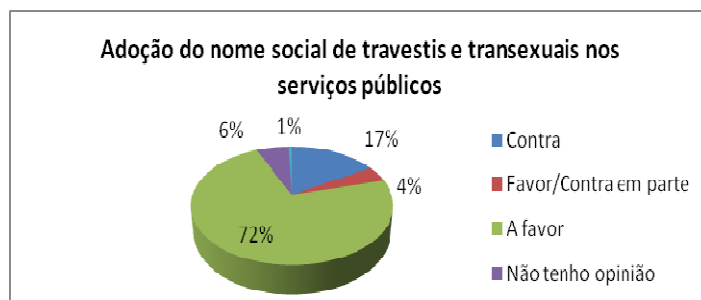
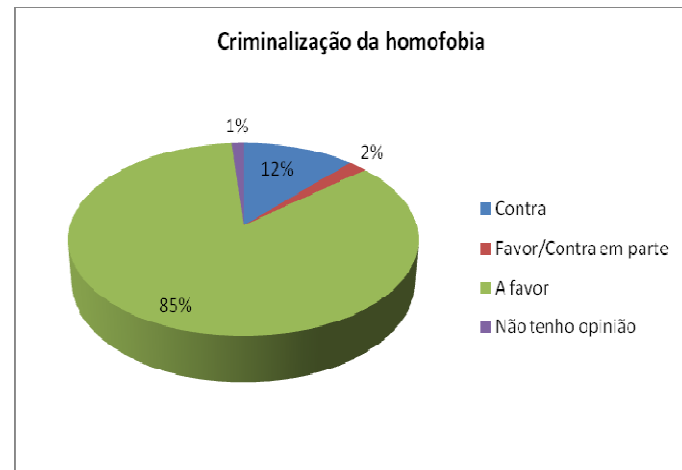
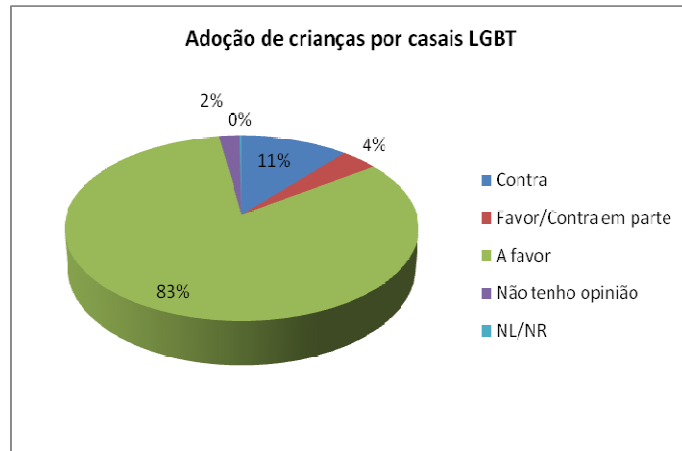


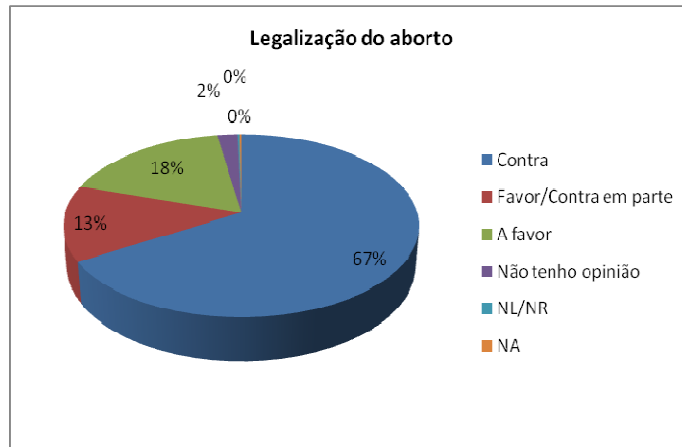
**Agressor**



**11. Opinião sobre temas relacionados à cidadania LGBT:**

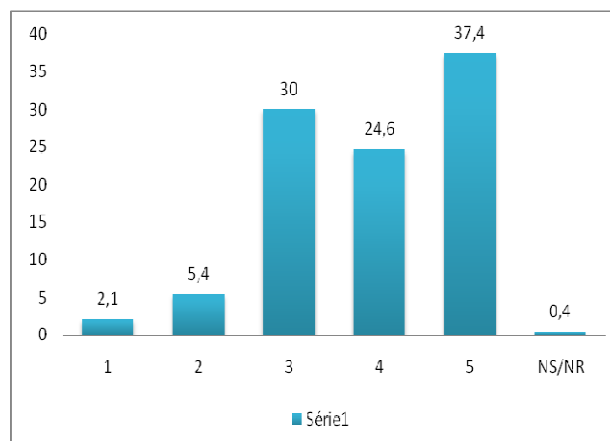






	NÃO CONFIA	CONFIA/DESCONF. PARCIALMENTE	CONFIA TOTALMENTE
IGREJA	65,6 %	17,9%	15,4%
PARTIDOS POLÍTICOS	64%	29,7%	6,3%
POLÍCIA	62,9%	27,3%	9,8%
CONGRESSO NACIONAL	61,4%	30,6%	8%
TRIBUNAIS (JUSTIÇA)	44,7%	37,4%	17,9%
EMPRESAS	43,7%	39,3%	17,1%
IMPrensa	31,3%	40,2%	28,5%
MOVIMENTOS SOCIAIS	14,8%	29,6%	55,6%

**UTILIZANDO UMA ESCALA DE 1 A 5, ONDE "1" QUER DIZER QUE A SOCIEDADE NÃO É PRECONCEITUOSA E "5" QUER DIZER QUE ELA É MUITO PRECONCEITUOSA. NA SUA OPINIÃO, QUAL O GRAU DE PRECONCEITO CONTRA LGBTQT NO BRASIL?**





## DE MODO INCONCLUSIVO

Os dados reunidos neste trabalho, que aqui figuram sem tratamento de análise qualitativa, podem ser tomados como trilhas aproximativas rumo às percepções de LGBTs sobre seus modos de vida, permitindo também cessar determinados modos de estruturação da experiência social utilizados por esses sujeitos. Contra a tentação de objetivar os dados, apostamos na importância de tomá-los no seu processo de criação coletiva, um processo inacabado e em disputa. Mobilizam dimensões materiais, discursivas, corporais, sociais, psíquicas e simbólicas, e co-produzem efeitos múltiplos e multi-situados, ajudando na tarefa de criação de resistência em relação a contextos de socialização marcados pelo preconceitos, pela injustiça e pela intolerância.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BACCHETA, Paola. Co-formações/ co-produções: considerações sobre poder, sujeitos subalternos, movimentos sociais e resistência. TORNQUIST, Carmen S. *et al.* **Leituras de resistência:** corpo, violência e poder. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

CARRARA, Sérgio *et al.* Política, direitos, violência e homossexualidade: Pesquisa da 5ª Parada da diversidade – Pernambuco – 2006. Rio de Janeiro : CEPESC, 2007.

CARRARA, S.; FACCHINI, R.; SIMÕES, J.; RAMOS, S. Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa. 9ª Parada do Orgulho GLBT São Paulo 2005. Rio de Janeiro : CEPESC, 2006.

CARRARA, S.; RAMOS, S. Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa. 9ª Parada do Orgulho GLBT Rio – 2004. Rio de Janeiro : CEPESC, 2005.

CARRARA, S.; CAETANO, M.; RAMOS, S. Política, direitos, violência e homossexualidade: 8ª Parada do orgulho GLBT – Rio – 2003. Rio de Janeiro : Pallas, 2003.



GREEN, James N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, n. 15, 2000a.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Ed. UNESP, São Paulo, 2000b.

MOTT, Luiz R. B. The Gay Movement and Human Rights in Brazil. In: MURRAY, Stephen O. (ed.) **Latin American Male Homosexualities**. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1995.

PAIVA, Cristian. **Modos de vida e percepções das populações LGBTs no Ceará**. A experiência da pesquisa das paradas pela Diversidade Sexual (2009/2010). Rio de Janeiro: Garamond, [2011]. (no prelo).

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.